

POP ART, FROTAGEM E XILOGRAVURA COMO ESTÍMULO À REFLEXÃO: SOBRE A IMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

ANA CRISTINA DE MELO SEABRA; VANDA MAGLIONE DE MORAES, CLÁUDIA
MARIZA MATTOS BRANDÃO

Universidade Federal de Pelotas – jackseabra@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – maglioness@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

O enfoque deste trabalho são ações realizadas na escola Félix da Cunha, em Pelotas (RS), no dia 04 de Junho de 2016, que fez parte do projeto de extensão “Arteiros do Cotidiano”, vinculado às disciplinas de Artes Visuais na Educação (pré-estágio) II e III. Focado na arte/educação, o projeto desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Artes Visuais - Modalidade Licenciatura (CA/UFPEL), coordenado pela professora Cláudia Mariza Mattos Brandão, tem por objetivo criar um espaço didático e formativo, priorizando a exploração, experimentação e inserção de metodologias em Artes Visuais no contexto escolar, possibilitando a aproximação dos acadêmicos dessa realidade.

Nesse contexto, e tendo a edição de 2016 do projeto o tema IMAGEM, a nossa atividade consistiu na apresentação de artistas da *Pop Art*, a *frottage art*, e o processo xilográfico, com ênfase nos trabalhos de Andy Warhol, que entendia as figuras públicas como impessoais e vazias, assim como produtos de consumo e de massa. Ou seja, buscamos associar as discussões acerca da banalização da imagem na sociedade de consumo às práticas da xilogravura.

A Pop Arte surgiu na década de 50, e tem este nome por ser um movimento “popular”. Esta “popularidade” não se refere ao fato de ser acessível a todos, mas sim, ao fato dela se apropriar de imagens do imaginário coletivo, transformando-as através de técnicas não tradicionais no mundo das artes, assim como a colagem e a serigrafia. O objetivo principal dessas apropriações está ligado à crítica que o movimento artístico elaborou contra a massificação da cultura frente ao capitalismo. O resultado foi a aproximação da arte com a vida comum, com os signos do consumismo e da cultura de massa.

Temos na Pop Arte diversos artistas que abordaram o principal conceito do movimento, porém, para a atividade no Arteiros, nós selecionamos apenas um artista para apresentar aos escolares. A escolha recaiu sobre Andy Warhol, que foi o principal artista da Pop Art, trazendo com suas obras explicitamente a crítica proposta pelo movimento artístico.

Warhol nasceu na Pensilvânia em 1928, e além de artista foi design e cineasta. Os seus trabalhos eram produzidos com diversas linguagens artísticas, dentre elas a colagem e seriografia. O artista criticava a sociedade de consumo, com o objetivo principal de aproximar a arte da vida mundana. As suas obras exploram a repetição de imagens, banalizando o rosto de figuras populares, assim como Marylin Monroe e Elisabeth Taylor , ícones da beleza feminina da época (Figura 1). (JANSON, 1986).

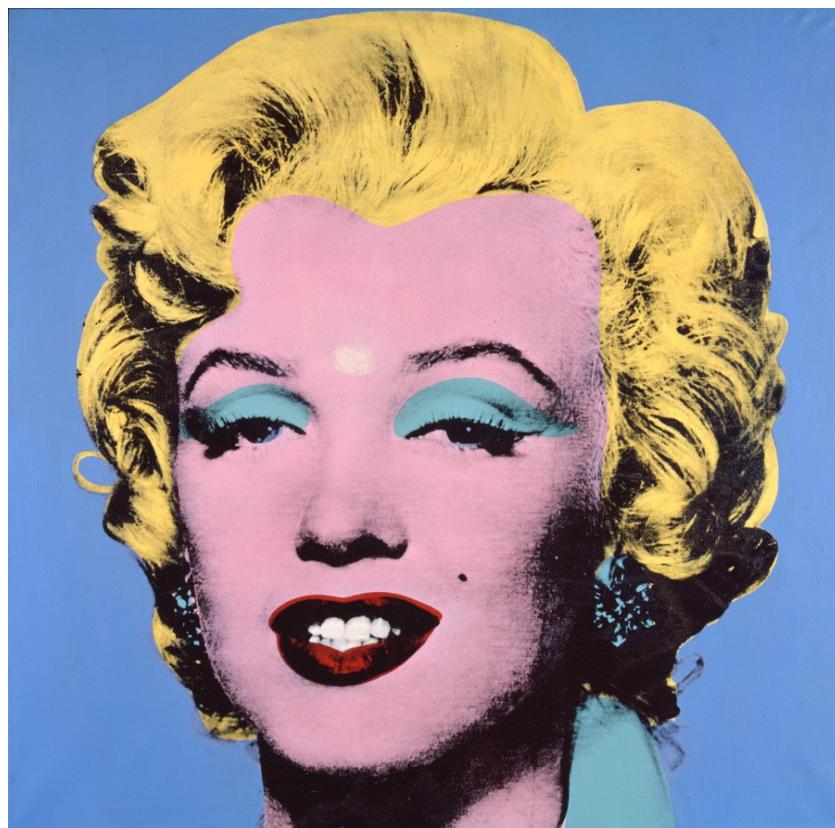


Figura 1: **Andy Warhol**, *Shot Light Blue Marilyn*, serigrafia e acrílico sobre tela, 1964.

As repetições tornavam essas figuras impessoais e vazias, como afirmava o próprio Warhol. E isso foi o mote de nossa atividade. O conjunto de práticas visou problematizar o uso excessivo de imagens e suas reverberações na formação identitária de crianças e adolescentes. Isso, pois muitas vezes as imagens são referências para os alunos, sem que eles tenham o menor discernimento dos critérios utilizados para as devidas finalidades das mesmas. Com esta oficina, que é uma sequência, dentre outras abordagens sobre o tema imagem, sugerimos alguns materiais alternativos para as práticas.

Com esta ideia partimos para a oficina, onde propomos a atividade com foco na produção de imagens utilizando um processo semelhante à xilogravura, explorando a repetição de imagens. Também trabalhamos com a frotagem, onde temos a possibilidade de nos apropriarmos de imagens já existentes nas texturas de diversos lugares. Com isso, podemos relacionar os trabalhos à ideia de Andy Warhol e a Pop Art em si, fazendo com que os alunos reproduzissem uma imagem.

2. METODOLOGIA

Chegando na escola, reunimos todos os alunos na sala e fizemos uma breve apresentação do nosso tema. Utilizamos um projetor para mostrar imagens da Pop Art e o contexto histórico das técnicas a serem trabalhadas. Os alunos observaram atentos as figuras e tiveram a liberdade de fazer comentários – e em alguns momentos conversaram entre eles sobre o que viram. Mostramos, além

das imagens, alguns materiais de xilogravura que levamos, e esses chamaram muita atenção.

A primeira atividade proposta consistiu em pedir aos alunos que saíssem pela escola para fazerem frotagens em papel com giz de cera, disponibilizados por nós, e podiam criar algo da maneira que quisessem, abstrato ou figurativo, desde que tivesse relação com eles mesmos. Demos meia hora para que fizessem isso, e todos terminaram antes do tempo. Depois pedimos para que mantivessem os seus trabalhos consigo para que no final da oficina comentássemos sobre. Logo após, partimos para a segunda atividade, que era fazer uma gravura em caixas de leite, processo da gravura em metal. Convidamos todos para sentarem ao redor da mesa onde estavam dispostos todos os materiais que levamos. De início, explicamos o primeiro passo: desenhar na parte metálica da caixa de leite, com o auxílio de um prego (matriz para a gravura). Eles começaram a desenhar, não impomos tempo desta vez. Disponibilizamos também um isopor para que observassem outra possibilidade de material como matriz para a gravura. Eles puderam sentir a textura que ficava na matriz, perceberam que conforme a força exercida sobre ela o traço ficava diferente. Depois que terminaram esta etapa, pedimos para que cada um fizesse o processo seguinte: passar a tinta sobre a matriz com a ajuda de um rolo. Disponibilizamos duas cores (verde e preto), puderam misturar elas. Após a segunda e última atividade, pedimos aos alunos que, por fim, comentassem sobre os seus trabalhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade ocorreu de forma tranquila e com uma boa participação dos alunos, levando em consideração a quantidade de crianças, que de início eram sete, e ao final apenas três. Com relação ao número de participantes é preciso destacar a influência do clima da Ocupação e o fato da atividade ter sido realizada num sábado. O fato de não termos a presença de seus respectivos professores, contribuiu de forma bastante positiva e leve para a realização da atividade prática e exposição dialogada dos trabalhos realizados por eles. Claro que nossa realidade nas escolas é outra, com salas lotadas, mas que em meio a tantas reclamações – e aqui não nos referimos a reclamações desnecessárias – nos fez pensar sobre as formas de abordar os inúmeros temas cotidianos, não só da realidade das escolas, mas também da vida dos alunos, nos referindo a suas realidades e condições, muitas vezes entre abismos de pré-conceitos sobre tudo que os norteiam.

Foi interessante analisar o resultado das imagens criadas pelos alunos, e ver os comentários a seu respeito. As figuras criadas surgiram de suas mentes, e outras do ambiente em que eles estavam, como no caso de uma aluna que desenhou uma porta. Na frotagem, eles montaram figuras e abstrações, que não souberam definir após seu término. Foi observado que nenhum deles usou referência de alguma figura pública ou de alguma moda atual para definir o seu trabalho. Podemos pensar esse processo de criação como aborda Fayga:

os processos de criação interligam-se intimamente com nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade. Inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis

diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade (OSTROWER, 1977, p. 187).

4. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos podem servir de início para futuras análises e experiências com imagem e criação nas escolas. Discutir o processo de construção de imagem e o que o compõem é interessante para que pensemos na criação de nós como sujeitos, e o que estamos tentando passar para o outro na sociedade. Também podemos pensar na prática utilizada na oficina como uma forma alternativa de fazer arte, ensinando os alunos a lidar com materiais inusitados e muito úteis, além de acessíveis. É possível levar esta ideia adiante para tratar a questão de imagem ao mesmo tempo em que os alunos aprendem a história da arte, e na prática as técnicas utilizadas pelos artistas, trazendo tudo isto à nossa contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JANSON, H.W. **História da Arte**, Avenida de Berna - Lisboa, 4º edição 1986.
OSTROWER, Fayga, **Criatividade e Processos de Criação**. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.